

Que país é este?

Quantas vezes você já ficou ofendido, até mesmo enfurecido, quando algum chefe de Estado, geralmente de países mais ricos, confunde nosso país com algum vizinho terceiromundista? De onde será que eles tiram essa idéia? Como podem confundir esta potência em desenvolvimento com qualquer republiquetista de bananas?

É horrível a sensação de ser puxado para baixo, ser nivelado com povos que não conhecemos a fundo, cuja lembrança hollywoodiana invariavelmente nos remete a cenários paupérrimos e tórridos, onde homens bigodudos, de atitude suspeita, tramam e burlam todas as leis possíveis, com exceção à gravidade.

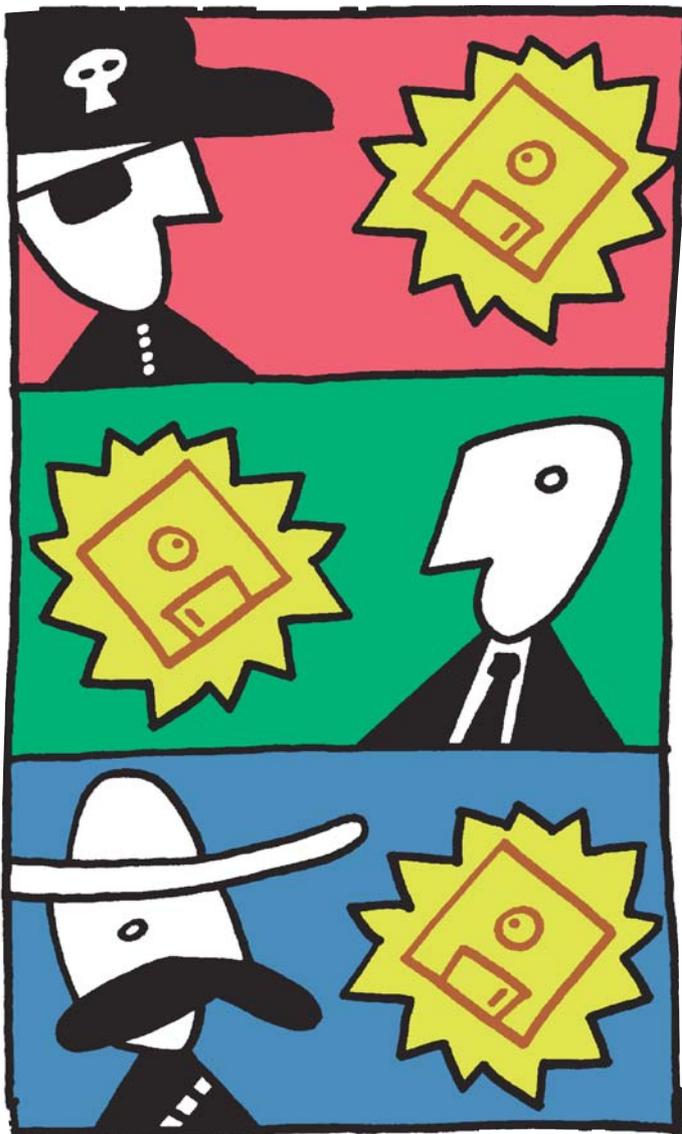
Ora, como pode ser isso? Simples. Fora das nossas fantasias de país emergente, que nos impedem de ver nossos vizinhos como iguais que são, o que nos resta é a dura realidade de que agimos como delinqüentes, ou, pelo menos, como cúmplices, mentindo e encobrendo nossas estruturas corruptas. E o que é pior, às claras. Qualquer estrangeiro sabe que no “Brazil” tudo se pode, com a quantia certa de dólares no bolso. Até relatório oficial já foi feito sobre essa nossa terrível peculiaridade.

A idéia de fazer algo errado e se safar da punição já entrou no nosso dia-a-dia, e em conjunto com a Lei de Gérson (mania de levar vantagem em tudo, de ser “ishperrto”) ajuda a piorar o que já é muito ruim: nossa imagem lá fora. Quer um exemplo?

Na hora de comprar um computador, muitos de nós saem como que possuídos pelo capeta, a pedir máquinas contrabandeadas à “la garantia soy yo”, acreditando que estão fazendo um grande negócio. Ou, então, instalam uma única cópia de software nas trinta e duas máquinas da empresa, quando não raro nem esta cópia original existe, mas sim os CDs piratas.

Eu acho compreensível, mas não perdoável, que o proprietário de uma microempresa, desesperado, às vezes um ex-desempregado tentando sobreviver nessa recessão que atravessamos, submeta-se à tentação da ilegalidade, mas a coisa pega bem mais fundo.

No meu trabalho entro em contato diário com empresários e administradores de empresas de porte razoável que não pensariam duas vezes antes de chamar a polícia, caso algum de seus produtos fosse roubado ou copiado



Tom B.

Mas, por incrível que possa parecer, é justamente essa multa que ajuda a melhorar nossa imagem lá fora, deixando claro para os fabricantes de software que a legislação é realmente dura e, quando aplicada, obriga os espertinhos de plantão a legalizar seus ambientes de produção. Em países onde a pirataria come solta, algumas empresas adotam a chave de hardware (dongle) para evitar as cópias. Em alguns países do leste asiático, até essas chaves já foram pirateadas. A política de apoio e suporte da maioria das empresas de software para esses países é uma só: virem-se!

Eu costumo dizer que infelizmente a Apple já existia no Brasil antes de se estabelecer por aqui. Nós trazíamos nossos Macs de todas as formas possíveis, e às vezes eu penso que o vício ficou. Só que a

época é outra, nós batalhamos para trazer esses fabricantes, para abrir o mercado, e não podemos perder essas conquistas.

Acreditar que contrabando e pirataria é normal é não deixar que as empresas multinacionais possam se estabelecer aqui, não querer ter por perto quem defenda nossos interesses, quem possa traduzir softwares e manuais e dar suporte nessa língua que só nós falamos, na verdade, é nivelar por baixo. **M**

no mercado. Mas que acham a maior injustiça do mundo a Lei de Software. – Uma cópia por máquina? Que absurdo! Esses senhores esquecem ou desconhecem que um computador sem software é apenas uma caixa burra, que mal serviria para segurar a porta do seu escritório aberta (se for um PC, ainda é capaz de travar a porta!) e nem deveria ser considerado em funcionamento. Choram de barriga cheia. Houve época, não muito tempo atrás, em que um simples software de diagramação ou ilustração não custava menos de US\$ 1.500. Hoje o patamar é outro, e bem pior do que o valor de um software é o valor da multa aplicada, que pode chegar a duas mil vezes seu valor por computador.

Época é outra, nós batalhamos para trazer esses fabricantes, para abrir o mercado, e não podemos perder essas conquistas.

Acreditar que contrabando e pirataria é normal é não deixar que as empresas multinacionais possam se estabelecer aqui, não querer ter por perto quem defenda nossos interesses, quem possa traduzir softwares e manuais e dar suporte nessa língua que só nós falamos, na verdade, é nivelar por baixo. **M**

PAULO FRANQUEIRA

Consultor e sócio da Draft Consultoria.

Opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.